



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: UMA ANÁLISE DAS PERSPECTIVAS DA VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR EM CÂNDIDO SALES

João Paulo Lopes dos Santos⁶
(UESB)

Jací Marta Oliveira Almeida⁷
(FAZAG)

RESUMO

Este artigo discute a violência no cenário escolar, fazendo uma breve comparação do enfrentamento da violência em duas instituições de ensino do município de Cândido Sales, respectivamente pública e privada. O objetivo consiste em fornecer informações sobre as influências que o fenômeno da violência incute no processo de ensino e aprendizagem, como também apresentar dados que corroboram a problemática. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa. Usou-se como instrumentos de coleta de dados, questionários aplicados aos docentes e a pesquisa documental. Mediante a análise dos dados auferidos, foi possível perceber que os educadores de ambas as escolas compreendem a violência manifestada por seus alunos de diversos modos, a violência, indubitavelmente, prejudica o desenvolvimento integral do indivíduo; e que o diálogo, a parceria com a família, o aconselhamento, as orientações, etc., amenizam os comportamentos violentos nas escolas. Como considerações finais, destaca-se que a escola não pode abster-se de seu difícil papel de educar ante à violência ensejada pelos aprendizes, como também desistir de articular parecerias entre a instituição e os pais, construindo conjuntamente ações que amenizem a violência no seu espaço

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Família. Violência Escolar.

6

E-mail: jpuesb@gmail.com. Especialização em Políticas Públicas, Gestão e Práticas Educacionais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB; Licenciado em Ciências Biológicas pela Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Prática Pedagógica em Espaços Educacionais/GEPPE/UESB.

- E-mail: jacymartaalmeida@hotmail.com Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Zacarias de Góes - FAZAG

7



INTRODUÇÃO

A instituição de ensino, sob o olhar de toda a sociedade, é tida como sequência do processo de socialização, que tem início no seio familiar. Nesta perspectiva, os valores, as esperanças e as atitudes que aureolam o processo educacional nem sempre atendem ao que os pais almejam quando levam seus filhos para a escola, pois em grande parte das unidades escolares do Brasil, a violência é um fator muito presente. (VIANA, 2002, p. 76)

Este artigo versa sobre a problemática da violência escolar, apresenta ainda elementos que prejudicam a eficácia da prática do ensino e da aprendizagem. Assim, o tema foi escolhido levando em consideração o desejo de entender os fatores geradores dos comportamentos contrários ao sentido que a escola possui.

O objetivo é proporcionar informações que viabilizem uma melhor compreensão em relação ao tema, mediante o levantamento de dados que possam servir de base para uma análise do fenômeno da violência e suas influências nas atividades pedagógicas das instituições de ensino.

Este trabalho toma para si a missão de articular uma investigação no cenário escolar, com o intuito de descobrir como os docentes percebem a violência no dia a dia da sala de aula.

Para a construção do referencial, utilizaram-se as ideias e reflexões de autores como: Abramovay (2002), Charlot (2002), Colombier (1989), Cunha (1991), Sposito (1998), dentre outros. Esta pesquisa possui abordagem qualitativa e bibliográfica. Buscou, essencialmente, decodificar as respostas à problemática. Para coletar os dados foram utilizados questionários aplicados aos docentes, como também pesquisa documental e levantamento bibliográfico.

UM OLHAR HOLÍSTICO DOS ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Ao falar sobre violência, é possível relacioná-la às atitudes e comportamentos dos seres humanos, contemplando formas de incursões agressivas propositais, e em alguns casos letais, de uma pessoa ou grupo contra seus iguais.



A origem da violência humana tem sido estudada por muitos sociólogos e historiadores, que veem na escassez de bens e fonte maior de conflito entre os homens. Para esses estudiosos, entre os quais estão Hobbes, Rousseau, Marx e Engels, a origem dos conflitos e da violência remonta às organizações humanas mais primitivas. (COSTA, 1997, p. 283)

Para entender o processo histórico da violência no contexto escolar é fundamental compreender a ligação que o indivíduo possui com a instituição de ensino, é relevante refletir as características do legado cultural escolar que a sociedade brasileira possui desde o período colonial.

A forma como aconteceu a colonização no Brasil produziu múltiplas interpretações dos objetivos no curso evolutivo social e educacional, analogicamente observada pela intensa divisão entre “valores reais”, nos quais a educação se configura como um processo de passar os níveis de classes, e “valores proclamados”, a concepção mágica da escola; toda educação é válida e deve ser encorajada (TEIXEIRA, 1962).

Os primeiros passos instrucionais no Brasil colônia se processaram no âmbito da nobreza e dos abastados, com o objetivo de instruir os indivíduos nos moldes intelectuais vigentes neste período. Azevedo (1971) afirma que:

[...] a formação intelectual que esses jovens recebiam era eminentemente literária, orientada não para a técnica ou para a ação, mas para o cuidado da forma, adestramento na eloquência e exercício das funções dialéticas do espírito. (AZEVEDO, 1971, p. 280)

No Brasil Império, a educação sofreu uma transferência de poderes, deixou de ser articulada pelo clero e passou a ser comandada por aqueles que eram letrados ou pelos donos de terras e senhores de engenho (AZEVEDO, 1971).

De acordo com a percepção de Cunha (1991), no período Republicano, após o golpe militar de 1964, a escola, como aparelho ideológico do Estado, passou a reproduzir aquilo que era de interesse das classes dominantes. O poder estabelecido, neste momento, possuía o papel de reprimir as transformações iminentes tais quais: erradicação do analfabetismo, valorização da educação escolar, desenvolvimento do



potencial crítico dos estudantes, etc. Assim, a burguesia permaneceria articulando o poder e impondo a sua ideologia.

Segundo o autor, as mudanças educacionais no Brasil, de uma forma ampla, são os espelhos da cultura brasileira, constantemente protegidos pela elite, excluindo deste processo os atores que verdadeiramente pertencem ao cotidiano escolar, produzindo assim um desestímulo e uma degradação daqueles que fazem parte da escola.

Essa exclusão, e de certa forma o autoritarismo que alicerça o dia a dia da escola, levará o indivíduo a agir de forma violenta, como resposta à sociedade que quase sempre permanece indiferente. É precisamente nesta óptica que transcorre o debate sobre a violência escolar.

A INFLUÊNCIA DA VIOLÊNCIA NO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

A violência escolar está ligada a três vieses sociais e organizacionais peculiares. Primeiro, à degradação no espaço educacional, ou seja, as dificuldades em gerir as entidades escolares, engendrando em estruturas pouco eficazes. Segundo, à violência de origem exógena, mediante a invasão de gangues, da comercialização de drogas e da patente exclusão social na escola. Em terceiro, é inerente a um fator endógeno, distinto de cada unidade de ensino, como aponta Abramovay (2002):

Há escolas que historicamente têm-se mostrado violentas e outras que passam por situações de violência. É possível observar a presença de escolas seguras em bairros ou áreas reconhecidamente violentas, e vice-versa, sugerindo que não há determinismo nem fatalidades, mesmo em períodos e áreas caracterizadas por exclusões, o que garante que ações ou reações localizadas sejam possíveis. (ABRAMOVAY, 2002, p 231)

Não obstante, é importante esboçar aqui uma definição mais crítica sobre a terminologia “violência” inerente ao contexto escolar. Seu conceito pode ser definido levando em consideração três níveis:



a) Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos; b) Incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; c) Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos. (ABRAMOVAY, 2002, p. 69)

A violência escolar é uma postergação do ordenamento e das normas pertinentes às relações sociais. Em meio às condutas violentas no ambiente escolar, encontram-se: os roubos, as extorsões, o vandalismo, etc.. Abramovay ainda ressalta que a violência escolar pode ser concebida como “uma transgressão brutal da ordem escolar e das regras da sociedade” (ABRAMOVAY, 2002, p. 70).

É importante discutir também os inúmeros fatores relevantes que podem proporcionar ou estimular o comportamento e as manifestações violentas nos ambientes escolares, dentre os quais podem ser elencados: as diferenças de gênero, de classe social, do conteúdo étnico-racial, da orientação sexual, dentre outros.

Ao debater a violência escolar, é preciso explicá-la bem para que haja um entendimento amplo de seu conceito, e de como esta ocorre nas instituições de ensino. De acordo com Charlot (2002), é fundamental, a priori, diferenciar a violência “na” escola, a violência “à” escola e a violência “da” escola.

A violência “na” escola é aquela engendrada no bojo do espaço educativo, sem vínculos à natureza e às práticas da escola. Exemplo: pessoas funestas ou malfeitores adentram a instituição de ensino para acertar pendências inerentes às contendas que são as do bairro; a escola é meramente o local de uma ação violenta que, não obstante, poderia ter ocorrido em qualquer outro lugar.

Já a violência “à” escola está relacionada ao universo e às tarefas da escola. Exemplo: os discentes provocam incêndios, agredem educadores e/ou os hostilizam. Eles se apossam de violências que têm por alvo a escola e todos os seus representantes.

Inerente ao tipo de violência à escola encontra-se a violência “da” escola, ambas devem ser indagadas sem haver um desligamento uma da outra. Haja vista que a violência “da” escola se configura em uma manifestação de violência simbólica, que os próprios estudantes toleram mediante a forma como a escola e seus atores os tratam.



Outra prática violenta muito recorrente nas unidades de ensino é o “*bullying*” (do inglês *bully*, significa valentão, aquele que ameaça, oprime, maltrata e assusta) é o tipo de manifestação de violência escolar muito constante entre os agentes escolares, e diz respeito a todos os comportamentos agressivos, intencionais e incessantes, que são produzidos sem razões plausíveis, adotados por um ou mais alunos que implicam com outro (s), resultando em dor e angústias, sendo estabelecidos e realizados no bojo de uma relação injusta de poder (MENDES, 2011, p. 2)

VIOLÊNCIA ESCOLAR: ÍNDICES E PERCEPÇÕES ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

É compreensível que, em todo processo de investigação é fundamental contextualizar a realidade a qual pertencem as unidades de investigação do estudo, ensejando uma visão holística do problema e das múltiplas interações que se constituem sobre certa realidade. Sendo assim, será apresentado o tipo de investigação, o lócus, as unidades de investigação e os instrumentos de coleta de dados.

A pesquisa realizada entre os dias 09/03/2015 e 04/04/2015 é de caráter qualitativo, busca mediante análise documental (livros de ocorrências de ambas as instituições em estudo, nestes livros são registrados, basicamente, casos de violências ocorridos na instituição de ensino) e questionários, apontar os índices de violência e as percepções dos professores sobre a problemática em duas escolas, pública e privada, no município de Cândido Sales.

A discussão parte das concepções dos docentes. Assim, foram pesquisados 10 educadores, precisamente 5 da escola pública e 5 da rede privada, nos turnos matutino e vespertino. Essa observação comparativa é imprescindível para a realização do estudo e alcance das metas.

A cooperação das unidades de investigação foi significativa e satisfatória, haja vista que os dados logrados possibilitaram interpretar as concepções dos professores do Ensino Fundamental II das escolas investigadas.



A pesquisa trata da percepção dos professores com relação à violência praticada na escola. Os dados foram coletados mediante questionários que engendraram as seguintes informações: dos 5 educadores pesquisados na escola pública, 4 eram do sexo feminino e 1 do sexo masculino, cuja faixa etária oscila entre 30 e 50 anos; o tempo de atividade em sala de aula compreende entre 13 e 30 anos. Quanto à formação acadêmica, 1 professora é licenciada em Biologia, 1 possui apenas o extinto magistério, e os outros três possuem Licenciatura em Pedagogia. Na escola privada, todas as unidades de investigação são do sexo feminino, cuja faixa etária está entre 32 e 40 anos; com relação ao tempo de atividade docente, este compreende entre 11 e 22 anos no exercício da profissão. No que diz respeito à formação profissional, unanimemente, todas são pedagogas.

No contexto da violência escolar, a pesquisa ensejou os seguintes resultados: no âmbito da escola pública, 60% dos professores afirmaram não ter sofrido qualquer tipo de violência na escola, enquanto 40% relatou terem sido vítimas de agressões verbais e gritos. Quando perguntados sobre o local onde ocorrem as ações violentas, 40% dos pesquisados disseram que presenciaram essas ações no pátio e no espaço externo à escola, por outro lado, os 60% afirmaram que além do espaço externo e no pátio, já presenciaram comportamentos violentos na portaria, nas salas de aula e nos demais ambientes da escola.

Na instituição privada, os 60% dos educadores disseram não ter sofrido violência na escola, enquanto 40% afirmou ter sido vítima de atos de indisciplina e gritos. Com relação ao local onde as ações violentas mais ocorrem, 60% disse que elas ocorrem no pátio e demais ambientes da unidade escolar, 20% relatou que as ações violentas ocorrem no pátio, e os outros 20% disseram que a violência escolar acontece na sala de aula, além do pátio e nos demais ambientes.

É possível perceber que nenhum educador da escola privada mencionou o espaço externo à escola como local onde acontecem as ações violentas, uma vez que, na escola pública é frequente as ocorrências de brigas logo após o término das aulas, ou seja, na rua, em frente à instituição escolar.



Na escola, alguns educandos esboçam atitudes ou comportamentos intolerantes, agressivos, apáticos e de baixo auto-estima. Um possível fator que contribui para esse tipo de comportamento é elucidado por Silva (2004, p. 131) em que ele afirma: “Os alunos seriam violentos e indisciplinados por que não conhecem a utilidade das regras morais de que elas servem para regular as relações entre os sujeitos”.

Quando perguntado aos professores da escola pública: Que tipo de violência é mais frequente no espaço escolar? Obtiveram-se os seguintes resultados: 60% relatou que os atos violentos mais frequentes são os gritos, agressões verbais, danos ao patrimônio material escolar, empurrões e brigas. Os 40% disseram que os comportamentos violentos compreendem os gritos, agressões verbais, empurrões e brigas.

No âmbito da escola privada, os resultados foram os seguintes: 60% respondeu que os episódios de violência mais comuns na escola são os gritos, as agressões verbais, os empurrões e as brigas; 20% disse que a violência decorrente na instituição compreendia os gritos, as agressões verbais e os empurrões; os outros 20% relataram apenas as agressões verbais como forma de violência existente em sua escola.

É evidente que a violência se tornou um problema grave para a sociedade contemporânea. No contexto escolar, ela se manifesta nas situações em que se percebe a refutação da interação social mediante o diálogo, a comunicação. Em vista disso, Sposito (1998) encontra uma inerência entre a violência e a degradação da relação dialógica, da habilidade de negociação que se configura, de alguma maneira, em recursos do conhecimento e da educação. Assim, de acordo com a autora,

violência é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força banalizada, nega-se assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação efetiva, pelo uso das palavras, pelo diálogo e pelo conflito. (SPOSITO, 1998, p. 60)

Neste contexto, pode-se notar que o diálogo pode evitar essa ruptura e impedir que situações conflituosas cheguem ao extremo da violência.



Com base na perspectiva da prática dialógica, foi perguntado aos professores da escola pública se ela oferecia suporte para lidar com a violência. Os resultados foram: 100% afirmou que não. Já na escola privada, 60% disse que não e os 40% afirmaram que sim. Esse resultado deixa claro que ambas as instituições carecem de um planejamento ou projeto que busque discutir o tema, sobretudo na escola pública.

Com relação às ações implementadas pela unidade de ensino, principalmente entre os anos de 2011 e 2014 para discutir o fenômeno da violência escolar, foi possível obter os seguintes dados: na escola pública, 60% disse que a instituição promove reuniões, e 40% disse que a escola estimula oficinas de leituras e palestras. Na escola privada, 80% disse que a escola faz palestras, leituras e reuniões, e os outros 20% disseram que a escola nunca planejou qualquer tipo de ação para discutir o fenômeno da violência no ambiente escolar.

Entre as ações implementadas na escola, fica evidente, tanto na escola pública, quanto na privada, que as reuniões com professores e pais, ainda é o mecanismo que a escola mais recorre quando do enfrentamento da violência escolar e da indisciplina. Fica patente que esse pode ser o retrato do cotidiano de muitas escolas no Brasil.

A partir do estudo das inquirições subjetivas aplicadas aos professores das duas escolas, foi possível verificar o entendimento que eles possuem em relação ao fenômeno da violência praticada por seus educandos. Dessa forma, as concepções de violência escolar que os docentes (D)^{...} têm podem ser traduzidas assim:

“Uma espécie de comportamento que, de forma intencional, causa danos, tanto de forma física quanto psicológica, às pessoas ou qualquer ser vivo. Tais prejuízos, em muitos casos, são irreversíveis.” (D1 – escola pública)

“Violência é qualquer força empregada contra a vontade, liberdade ou resistência de um indivíduo ou coisa.” (D6 – escola privada)

^{...}Termo usado para preservar a identidade das unidades de investigação. Faz-se uso da letra D acompanhada de numeração arábica para distinguir os docentes pesquisados.



Ambos os professores dizem que a violência causa estragos e perdas, na maioria das vezes impossível de revertê-las. As assertivas dos educadores corroboram o que já assegurava Colombier (1989, p. 140) “reconhecer a violência sob todas as suas formas, usá-la em benefício do grupo, é aceitar viver na precariedade. Em nenhum caso os comportamentos são normalizados”. Normalmente, a violência escolar surge a partir de situações conflituosas, das diversas interações, e da aversão às normas e regras impostas. No entanto, foi inquirido aos educadores sobre a forma de como a violência se manifesta nos espaços educacionais pesquisados. Os mesmos disseram que:

“Por meio de brigas, pequenas brincadeiras entre os alunos, por inveja entre eles.” (D2 – escola pública)

“Através de intimidação, *bullying*, brincadeiras, agressão física e discriminação.” (D8 – escola privada)

Nesta óptica, a violência é compreendida como algo que danifica a integridade da pessoa. Além do entendimento sobre o questionamento, os docentes elucidam outra perspectiva sobre a temática: o fator que mais auxilia para a diminuição do problema da violência nas escolas investigadas.

As propostas para atenuar a violência nas instituições de ensino e modificar a situação vigente apontada pelos educadores revelam vários caminhos que ensejam uma visão dinâmica desse processo. Nessa esfera, dos 10 docentes pesquisados 8 entendem que a parceria com a família seria imprescindível. Pôde-se notar essa fala no relato de dois deles, quando dizem que:

“A participação da família é fundamental, ela é mediadora do primeiro contato com as regras e valores sociais, a escola não substitui a família e nem supre a sua falta, uma vez que os pais são responsáveis pelas diversas formas que seus filhos irão lidar posteriormente com os limites impostos pela vida em sociedade.” (D3 – escola pública)

“Na escola onde trabalho, a participação dos pais é bem assídua. Eles se preocupam bastante com o conhecimento e a construção de seu filho.” (D7 – escola privada)



É perceptível que o papel da família tem fundamental relevância na educação dos filhos, e se há conflitos no interior da família, logo, há influências destes conflitos nas atitudes e comportamentos dos filhos que, na escola, afastam-se das normas éticas. Porém Silva (2004, p. 160), tem um ponto de vista contrário a essa reflexão, e diz que: “Não adianta ficar culpando a família pelas condutas indisciplinadas dos alunos. Estaremos com tal atitude, fugindo de nossas responsabilidades: afinal, assim como os pais, também somos educadores”. D4 e D10 ressaltam que o diálogo é outra maneira que pode auxiliar no abrandamento das situações de violências enfrentadas, tanto na escola pública quanto na particular:

“O diálogo, a amizade e a conscientização podem ajudar para diminuir os comportamentos violentos dos alunos.” (D4 – escola pública)

“O diálogo entre os agressores, o pedido de perdão, e incentivos e elogios quando da melhora do comportamento.” (D10 – escola privada)

Os educadores apresentam a maneira mais coerente de mediar estes comportamentos, haja vista que é fundamental conscientizá-los de que o ambiente de aprendizagem é também um local de socialização, onde eles podem adquirir o conhecimento, e não lugar para expressões incivis, de falta de educação e descortesia. Essa ideia pode ser corroborada com o que diz Abramovay (2002):

Escolas organizadas, bem cuidadas, com regras claras de comportamento, com segurança no seu exterior e interior, onde existe um clima de entendimento, valorização dos alunos e dos professores, diálogo, sentimento de pertencimento e poder de negociação entre os diferentes atores podem mudar situações críticas. (ABRAMOVAY, 2002, p. 145)

É fundamental que o educador estimule o aluno a pensar sobre suas ações, auxiliando-o a entender que os limites e as relações interpessoais são essenciais na vida em sociedade.



Na pesquisa documental, buscou-se relatar essencialmente os casos de violência ocorridos entre os anos de 2011 e 2014 nas escolas pesquisadas. A instituição pública existe há 53 anos e funciona nos três turnos com o Ensino Fundamental II. Possui um total de 40 professores, 786 alunos, 1 coordenador pedagógico, e um total de 60 funcionários (zeladoras, merendeiras, auxiliares de disciplina e porteiros).

O estudo limitou-se apenas ao turno matutino e vespertino, por ocasião da escola privada que só funciona nestes dois períodos. A instituição particular foi fundada em 2011, portanto existe há mais de 4 anos. Funciona em dois turnos com o Ensino Fundamental I e II, no entanto foi levado em consideração os dados referentes aos alunos pertencentes ao Ensino Fundamental II. A escola possui 16 professores ao todo, 330 alunos, 1 coordenador pedagógico e 25 funcionários (zeladoras, merendeiras, auxiliares de disciplina e porteiros). É preciso considerar também o porte das duas escolas, haja vista que a instituição pública é de porte grande e conseqüentemente há mais incidências de violência no seu espaço. A escola privada trabalha sob os preceitos religiosos, e tem como princípio os ensinamentos bíblicos.

Entre 2011 e 2014, na instituição pública, ocorreram 100 casos de comportamentos violentos e indisciplinados (brincadeiras fora de hora na sala de aula, gritos, conversas com os colegas, desobediência, bagunça e inquietudes) assim distribuídos: aluno contra aluno - 26 ocorrências de agressão física (brigas, empurrões, etc.), 8 casos de agressão verbal, 3 registros de danos ao patrimônio material da escola e 52 casos de indisciplina; aluno contra professor - 6 casos de agressão verbal e 5 ocorrências de indisciplina.

Na escola privada, no mesmo período em análise, aconteceram 24 casos de atitudes violentas e indisciplinadas, todos tiveram como autores os meninos. As ocorrências se distribuem assim: aluno contra aluno - 6 casos de agressão verbal, 7 registros de agressão física (brigas, empurrões, etc.), 9 casos de indisciplina; aluno contra professor - 2 casos de agressão verbal.

A problemática da violência na instituição de ensino é, todavia, e até mesmo em modos estatísticos, representada pelos discentes autores e vítimas de violência, que se



igualam com relação a diversos aspectos, sobretudo os socioeconômicos. Conforme relata Charlot (2002):

São jovens fragilizados de um ou de outro ponto de vista, ou de vários pontos de vista acumulados: rapazes (mas a violência das moças aumenta atualmente), alunos com dificuldades familiares, sociais e escolares (isto é, alunos matriculados nas habilitações, nos estabelecimentos, nos departamentos ou classes mais desvalorizados). (CHARLOT, 2002, p. 435)

Apesar dos muitos fatores determinantes da violência escolar se encontrarem além dos muros da instituição de ensino, suas influências no espaço de aprendizagem põem em perigo um dos alicerces essenciais da construção formal das crianças e dos jovens, ou seja, a escola.

ππ

CONCLUSÕES

É perceptível que a violência nas escolas investigadas é fator que incute dificuldades ao processo de ensino/aprendizagem, impedindo sua fluidez. Isto é mais nítido na escola pública, haja vista que sua clientela advém de camadas mais vulneráveis da sociedade, e possuem, na sua maioria, um histórico de desestrutura familiar. Neste contexto, germinou a necessidade de conhecer as percepções que os educadores da escola pública e da particular têm com relação à violência ensejada por seus educandos.

As contribuições de autores como: Abramovay (2002), Charlot (2002), Colombier (1989), Cunha (1991), Sposito (1998), dentre outros, permitiram entender e articular o debate sobre o problema, entrelaçando as definições e abordagens dos teóricos sobre a violência escolar, respaldando assim as reflexões e análise dos resultados.

Na essência de suas percepções, os educadores das duas escolas entendem que a violência está presente no dia a dia do seu trabalho, pois de uma forma ou de outra todos já presenciaram um acontecimento violento nas intuições em que trabalham.



Foram enfáticos ao responderem que o diálogo, os conselhos, a parceria com a família, etc., são fatores relevantes para a mitigação da violência nos espaços de aprendizagem.

Muitos elementos influenciam a violência nas escolas: idade-série, conteúdos pouco significativos, carência de afetividade coletiva, história de vida, atenção dos pais, relações sociais, regras e normas, e sem dúvidas, o mais apontado pelos educadores neste estudo, a falta de parceria entre escola e família.

Enfim, este artigo tem o propósito de subsidiar contribuições para novas propostas que auxiliem os professores e demais profissionais da educação na elaboração de estratégias pedagógicas que possibilitem trabalhar esse problema no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.
- AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias. Porto Alegre, n. 8, p. 432- 443, jul./dez. 2002.
- COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert; PERDRIault, Marguerite. **A violência na escola**. São Paulo: Summus, 1989.
- COSTA, Cristina. **Sociologia: Introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 1997.
- CUNHA, L. A.. **Educação, Estado e Democracia no Brasil**. São Paulo: Cortez/EDUFF, 1991.
- MENDES, C.. S. **Prevenção da violência escolar: a avaliação de um programa de intervenção**. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 2-3, mar.2015.
- SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- SPOSITO, M. P. **A instituição escolar e a violência**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 104, p. 58-75, 1998.
- TEIXEIRA, Anísio. **Valores proclamados e valores reais nas instituições escolares brasileiras**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.37, n.86,



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

abr./jun. 1962. p.59-79. Disponível em:
<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/valores.html>. Acesso em: 07 abr. 2015.
VIANA, Nildo. Escola e violência. In: VIANA, N.; VIEIRA, R. (Org.). Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas da escola. Goiânia: Edições Germinal, 2002.